

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Bêco dos Clérigos, 5-A
Correspondentes em Aveiro, Povoa, Paço, Vila Real, Matadufos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

ASSINATURA	Proprietário-Director e Administrador	Redactor e Editor	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Ano, série de 50 números	José Marques Damião	António da Costa Pinto	Rua da Paz— QUINTÃ DO LOUREIRO
Semestre, série de 25 números	O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de tôdas as terras da sua região.	(CACIA)
Estrangeiro, ano 50 números			Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Colónias			

Salazar

E O POVO

Trabalhador

A manifestação do dia 27 de Fevereiro que o povo trabalhador de Portugal tributou ao sr. Doutor António de Oliveira Salazar, foi a coroação sublime da obra admirável do Estadista, do Patriota, do Homem inteligente que salvou o País.

A história não regista acontecimento maior ou semelhante ao de segunda-feira 27, em que milhares e milhares de trabalhadores, unidos e numa só voz, afirmaram ao Chefe do Governo solidariedade grandiosa para engrandecimento da Pátria, como testemunho grato pela criação do Estado Corporativo que baniu lutas o morticínios, conflitos permanentes de ideologias e interesses, e veio estabelecer o paralelo entre a guerra de ontem e a paz de hoje, garantindo ao produtor a formação duma mentalidade, duma consciên-



Doutor António de Oliveira Salazar

cia, duma vontade forte para poder vencer na vida, para poder caminhar sem peias nem afrontas, mostrando ao mundo civilizado que está preparado para ajudar a redimir a gloriosa Pátria de Camões!

Confrontar os tempos passados em que a desordem dilacerava os trabalhadores, com os dias de tranquilidade construtiva que hoje é o esteio da Nação, antevêm-se novos horizontes do trabalho fecundo e produtivo a assegurar melhores dias.

De todos os recantos do País foram a Lisboa operários, camponeses, pescadores, empregados, artistas, jornalistas e escritores, representantes de tôdas as actividades nacionais, que numa firmeza de sinceridade gritaram:

Viva Portugal!
Viva Salazar!

COM grande interesse e desusada concorrência, realizou-se no domingo a assembleia geral ordinária do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Lisboa, para apreciação do relatório e contas da gerência transacta e eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1939-1940. Era voz cor-de classe de pa-

A Classe da Indústria de Panificação de Lisboa

reelegeu, por grande maioria, os corpos gerentes

do seu Sindicato Nacional

sados de tan- to trabalhar, mas também porque elementos perturbadores faziam uma propaganda nociva ao prestígio da vida sindical, acorreu no domingo à sede do Sindicato Nacional grande número de associados que demonstrou exuberantemente, com a sua aprovação, ter confiança nos homens da Direcção que há anos vêm fomentando uma obra verdadeiramente benéfica para a classe. E assim, uma grande massa associativa, gente sensata e ponderada, aclamou com justiça o nome de Alfredo Dias Pires e o dos seus colaboradores, após a apreciação dos trabalhos da gerência transacta, cujo relatório, bem elucidativo em todos os detalhes, foi escutado com interesse pela assembleia.

A sessão foi presidida pelo sr. Manuel Albino de Moraes e secretariada pelos srs. Manuel Dias Justino e Alberto Rodrigues.

Antes da ordem dos trabalhos, foi proposto um minuto de silêncio pelos sócios falecidos e foi dada a palavra ao sr. Alfredo Dias Pires que, falando sobre a alta importância do acto que ia efectuar-se, pede a todos o máximo critério e que, aqueles a quem recaírem as responsabilidades dos destinos do Sindicato, façam tanto como o fez a Direcção que ali estava dando contas do seu árduo mandato. Em seguida falou o sr. Manuel Ferraz da Costa que apela para a nova Direcção, a fim de na revisão do contracto de trabalho seja tratada a situação dos moços de padaria. Falou ainda o sr. Sebastião Marques, que referiu-se às deficiências



Alfredo Dias Pires
Presidente da Direcção



José Maria Marques Aleixo
Secretário da Direcção

havidas na secretaria do Sindicato, pois que os associados perdem ali horas preciosas a tratar de quaisquer assuntos, quando tudo se pode fazer com mais brevidade.

O sr. Mário Simões Maia enviou para a mesa a seguinte moção:

Considerando que a Direcção actual tem trabalhos pendentes, da mais alta importância para a classe, cujos interesses é urgente defender e que a sua substituição viria prejudicar grandemente;

Considerando que neste momento e mais do que em qualquer outro, a continuidade desses trabalhos só pode trazer vantagens para os trabalhadores das padarias, que diariamente verificam o cerceamento das suas regalias;

Considerando que o trabalho da Direcção tem sido de molde a merecer a confiança máxima da classe, pelo seu zelo e competência, na defesa dos legítimos interesses da mesma, e que o seu esforço tem sido constante para que à classe sejam reconhecidos os seus legítimos direitos;

Considerando que a crise que a classe atravessa só pode ser resolvida por um novo Contracto Colectivo de Trabalho que satisfaça as nossas justas e indiscutíveis aspirações, baseadas no direito que nos concede o Estado Corporativo;

Considerando que o mesmo Contrato Colectivo deve ser estudado e realizado por camara-das que cuja experiência não possa ser posta em dúvida, pois a falta de conhecimentos só nos poderia trazer desvantagens incalculáveis para o futuro da nossa situação e até mesmo do organismo que defendemos;

Considerando ainda que uma das principais regalias a que temos direito—o descanso dominical—está dentro da organica da Nação, que mais duma vez tem demonstrado a sua concordância com essa regalia tão justa quanto humana;

Considerando mais que os Camaradas Ajudantes Tendedores, estão sendo coagidos a pagar uma contribuição injusta que os seus ordenados não podem comportar, do qual sempre foram isentos por se reconhecer a exiguidade dos seus salários;

Os empregados e operários da industria de panificação do distrito de Lisboa, reunidos em Assembleia Geral na sede do seu organismo, resolvem:

1.º—Reeleger a actual Direcção nos cargos que actualmente exercem, para que ela possa levar a bom termo os trabalhos que tem pendentes em prol da classe.

2.º—Redigir uma representação ao Ex.º Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, assim como ao Ex.º Sr. Presidente do Conselho de Ministros e Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, para que o descanso semanal seja modificado para o dia completo de domingo.

3.º—Solicitar autorização das entidades competentes para que essa representação seja entregue pela Direcção do Sindicato, acompanhada de toda a classe em data a determinar pela Direcção do Sindicato.

4.º—Convidar o Grémio da Industria de Panificação, a fazer-se representar nessa manifestação.

5.º—Enviar uma representação ao Ex.º Sr. Ministro das Finanças, solicitando que seja abolida a Contribuição Industrial aos Camaradas Ajudantes Tendedores, visto que os seus salários já de si infinitos, não comportam esse tributo.

6.º—Convidar os Sindicatos da provincia a secundarem as nossas reclamações enviando telegramas às autoridades atraz citadas.

7.º—Aprovar um voto de saú-

dação à Imprensa, pelo interesse que sempre tem demonstrado a favor das nossas justas aspirações.

Sobre a moção e as palavras do sr. Manuel Ferraz da Costa, o sr. Alfredo Dias Pires explicou o que o Sindicato tem feito no sentido de melhorar a situação dos moços e para que seja extinta a contribuição industrial aos ajudantes tendedores.

Em seguida a moção foi aprovada por maioria, aclamando-se com palmas e vivas a Direcção.

Neste momento a assembleia manifesta-se contra um tal José Fontes, de Cacia, que ali estava com o propósito de perturbar o andamento dos trabalhos, sendo pôsto fora da sala porque também é levedor ao Sindicato em dois anos de cotisação.

O sr. Manuel Borges apresenta um requerimento em prejuizo dos oradores inscitos, que é admitido.

Procedeu-se em seguida à leitura do relatório da Direcção, que, no próximo número começaremos a publicar.

A Direcção que foi reeleita é assim constituída:

Presidente—Alfredo Dias Pires.

Secretário—José Maria Marques Aleixo.

Tesoureiro—João Domingues.

Vogais—José de Almeida Neto e Guilherme de Oliveira.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—Manuel Albino de Moraes.

Secretários—Artur Bastos Mendes da Costa e Manuel Tomaz Dias de Amorim.

A assembleia geral foi encerrada entre entusiasticas aclamações à Direcção, sendo muito felicitados os nossos amigos srs. Alfredo Dias Pires, José Maria Marques Aleixo e João Domingues pela muita dedicação ao Estado Corporativo para engrandecimento da laboriosa classe dos trabalhadores de padarias na primeira cidade do País.

Homenageamos Alfredo D. Pires, incansável presidente do Sindicato Nacional, por bem o merecer e a maioria da classe o reconhece, assim como José Maria Marques Aleixo, seu leal secretário que em todas as vicissitudes sindicais, têm sabido cumprir o dever de operário consciente integrado nos principios corporativos do Estado Novo. E publicando-lhes hoje as fotografias, o *Ecos de Cacia* atesta mais uma vez a muita consideração e estima que dedica àqueles bons amigos da nossa região e que são verdadeiros paladinos da sua classe.

Ecos de Cacia apresenta à Direcção reeleita saudações cordeais.

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro

Ao correr da pena...

A obra de Salazar

Quando a S. D. N. ainda estava na época do seu maior prestigio, (isto, aí pelas alturas em que Portugal por grandes dificuldades financeiras, teve de recorrer aqúelle organismo internacional)houve por parte dela, e após o pedido de empréstimo ser feito, «umas exigencias de tal forma apertadas e vexatórias, ás quais Portugal, pela boca do seu representante em Genebra, respondeu—e honra lhe seja—duma maneira clara, «repeindo essas mesmas exigencias draconianas» e pode dizer-se mesmo:quázi insultantes para o brio e dignidade duma nação, que, como Portugal, pela sua já, sete vezes centenária existencia, e pelos grandes beneficios prestados a *todo o Mundo* com os seus descobrimentos, com os quais todos lucraram, melhores atenções e delicadesas deveria merecer desse organismo que, como «Ela», o mesmo Mundo representava.

Tal não sucedeu, infelizmente.

Foi então nessa altura que Salazar surgiu e em face de tais e tão insensatas exigencias, (tão portuguezmente repelidas) pensou e muito bem, que Portugal deveria bastar-se a si próprio!!!

Com effeito assim sucedeu. E para que Portugal a si próprio se bastasse, necessário se tornava que, em todos os sectores aonde a economia se pudesse levar ao máximo, as medidas a adoptar fossem de tal maneira compreendidas, que, todos os portuguezes, mas todos, a essas medidas se adaptassem sem hesitações nem tergiversações de qualquer espécie.

Medidas elas foram, (até hoje ainda o são) de pezados sacrificios, sem os quais, Salazar nada poderia fazer, tal a situação que ele encontrou, quando pediu à nação plenos poderes para poder agir concreta e eficazmente.

Algun mal intencionado—porque sempre os há—poderia ou poderá dizer: assim, com tantos sacrificios impostos à nação, qualquer homem de estado poderia salvar Portugal do atoleiro financeiro em que se encontrava! Mas, entretanto, desasseis anos se passaram em pasmosa experiencia republicana—democrata—muitos políticos passaram, pela presidência e finanças dos inumeros ministérios nacionais, sem que nenhum deles, fosse capaz de colocar, em pé, sobre a mesa da nação, o célebre ovo de Colombo!!!

Foi preciso ir arrancar esse homem que é o sr. Dr. António de Oliveira Salazar, à sua cátedra da Universidade de Coimbra, para que esse ovo de Colombo, o ressurgimento financeiro e nacional em todo o seu esplendor, se possa ver claramente de todos os pontos do orbe.

A sua obra, de vasta que ela é—e bem preciso se torna estar a nomea-la, tão evidente

A TRAGÉDIA...

*Vinha rompendo a fria madrugada;
E áquella luz difurta e azulada
Sucedeu o arrebol.
Tingira-se de rubro o oriente,
E o sino anunciava lentamente
O apar'cer do sol.*

*Nessa casa d'aldeia, muito cedo
Tudo se ergueu; parecia haver folgado
Ou grandes patuscadas...
E, no meio de louca correria,
Confundiam-se gritos d'alegria
Com vozes «avinhadadas».*

*No canto da pocilga, adormecido,
O cevado, ao ouvir tanto ruído
Eis que desperta. E então,
Pensou, decerto, ao sentir movimento:
«¿Porque é que hoje, mal brilha o firmamento,
Me vão dar a razão?...»*

*Subito, friorento e apressado,
Entrou nos «aposentos» do cevado
Um latagão possante,
Que, batendo duma forma brutal
No anafado lombo do animal,
O levou de rompante.*

*Estranhou o porco o modo arrebatado
Do homem, pois estava habituado
A que nem uma flôr
Lhe tocasse no enorme toucinho...
Mas... logo se lembrou dum «petisquinho»
E lá seguiu melhor.*

*E assim foi caminhando lentamente
Até chegar ao pé de muita gente
¿Anciosa por ver
Aquella perfeição! ¿Nisto o cevado
Encontrou-se por terra e amarrado
Sem se poder mexer!*

*Depois... enquanto a lâmina acerada
Lhe profundava a frida ensangüentada,
Torturante, mortal,
É que o abandonou a bonomia...
E começou, em forte gritaria,
Atrando o casal.*

*Olhou em volta! ¿Tôda aquella gente
Estava alegre, feliz e sorridente,
Alheia à sua dor!
E êle pensou então num breve instante,
Com essa nitidez d'agonizante,
No último estertor:*

*«¿Enquanto eu agonizo, há alegria!...
Se há tanto defensor da bicharia,
¿Porque não há quem diga
Qualquer coisa, sobre esta crueldade?
—¿É que acima das leis da caridade
Estão as leis da barriga!...»*

Maria de Jesus

REMOQUES

Há remoques risonhos, pican-tes e sérios; êste é do número dos últimos.

Há casos alarmantes e êste, para se contar aos municipes de Aveiro, é magnifico, para os pôr de sobre-aviso.

Chega a ser quázi inacreditá-

vel—e eu digo, quázi!—que o povo da Quinta do Loureiro, para ter água na sua *única fonte*, teve, *à sua custa*, de desentupir o cano condutor, pois há já para mais de dois anos, (...dois anos note-se bem!) que por tal motivo lá não havia água. Quere dizer: dois anos de reclamações! Dois anos pedindo providências, e... nada! Oh! vergonha das vergonhas! Então a nossa Câmara só tem empregados para tapar cónvinhas nas ruas e Avenidas de Aveiro? Os lugares como a Quinta do Loureiro—e outros—não têm direito a nada? Mal vai. Naturalmente, tanto tempo de Câmara, sempre sem descanso, devem exgotar o seu presidente! Talvez à roda de vinte anos ou mais! Um bocadinho de férias, far-lhe-iam muito bem. Valha-nos Deus.

Argus.

Seca & Meca.

Zangas de amor...

A Noémia da S. Mota

*O beijinho que te dei
Foi loucura, tu disseste
Eu contra tal não irei
Pois só loucura me deste*

Naquele dia, à noitinha
Ancioso por ti esperei
—Mas censuraste—louquinha!—
O beijinho que te dei...

Mais tarde em cartas d'amor
Naquelas que me escreveste
Talvez mesmo com rancor:
Foi loucura, tu disseste

Lisboa, Fevereiro de 1939

Claudino Alves d'Almeida

Maria do Adro

Estes anéis, meu caro Barbosa, déramos a Maria do Adro.

¿Sabes tu lá quem era a Maria do Adro?! Desce da elevada esfera, por onde voejam as tuas preocupações, cá abaixo, ao raso de uma mulher do povo.

Maria do Adro era filha de uma viúva pobre. Tinha dezassete anos. Fôra bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emagreceu-lhe a face, amareleceu-lhe a pele, e sugou-lhe a seiva que viçava em flores por todo aquele rir e olhar de descuidosa inocência. A mudança de semblante correspondeu a da alma.

Fez-se melancólica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho. Chamavam-lhe a «mona» as azougadas companheiras, e ela o que respondia às povoações era: — «Andai, andai reparigas; eu também me diverti assim, quando tinha saúde».

!E muito divertida dizem que ela fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos.

Minha irmã disse-me uma vez: — «Esta Maria do Adro distingue-se entre tôdas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu trato».

Isto impressionou-me, e eu reparei na môça, que até ali me fôra indiferente.

Nos dias de calma, pela estação das ségadas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro vizinho da leira, à hora da sesta, conversando com Maria, enquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola.

Que lhe diria eu? Perdi a lembrança do colorido; retive, apenas, as imagens nuas daqueles quadros da inocência. Sei que encostava a cabeça ao regaço dela, e êste grupo faziamos-lo com tanta singeleza, que a aproximação d'algum não nos assustavam.

Dado o sinal do trabalho, Maria tomava a sua fouchinha, e entregava-me o ramo de bucinas que andava celhendo e atando com um fio de cabelo.

Eu, depois, saúdoso dela, subia ao cêrro de uma colina

afastada, donde nos víamos. Os segadores, se me exergavam, faziam-me estridurosos apupos, à sua moda; e Maria, sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquela falta de respeito a mim.

Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol e os segadores saírem do campo. Maria, por caminhos travessios, saía-me ao encontro, e vinha comigo, quasi sempre silenciosa ou recolhida em si.

¿Enfatia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arriparei os cabelos às minhas imagens.

Senti vivas saudades de Maria, e também remorsos por esquecê-la, quasi, em Lisboa. Esperava com ânsia as férias grandes, e afigurava-me o jubilo com que ela me veria, depois de quinze meses.

Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria na alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estio. Tinha vontade de cantar, de rir, de poeta, de beber a longos sorvos um ambiente balsâmico em que o meu coração doudejava embriagado!

Eu via os castanheiros seculares a circundarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas vizinhas dela. Estive quasi a apear para abraçá-las! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas môças que segavam erva num lameiro contiguo à estrada.

—Já não conhece agente?! —disse uma delas.

—Conheço, Luizinha; conheço, Ana; podera não conhecer! Como estão vocês? rijas, bein?

—Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?

—O que? Pois não sabe que a Maria do Adro...

—Que tem? Está doente?

—Está com Deus... Morreu faz amanhã um mês.

Meu caro Barbosa: ¿tu crês nas lágrimas aos dezassete anos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentânea. Fugiu-me a redea

O Pardal Solitário, de Leopardi

Da cúpula da torre antiga, Solitário Pardal, cantando vais pelos campos, até que a luz do dia alfim se extinga; e pelo vale divagam harmonias. Brilha a primavera em volta, e, pelos ares, nos prados, triunfo; que até de contemplá-la assim o coração s'entenece.

Rebanhos a balar ouvimos e, após, mugir os bois: contentes, à porfia, os outros passarinhos, pelos livres ares, descrevendo vão mil giros, seu melhor tempo festejando: mas tu, pensativo e à parte, abandonado, a tudo assistes indiferente, sem ruflar d'asas, —nem alegrias t'importam; a todos os prazeres esquivo, vais cantando, e, assim, a flôr mais linda descuidas do tempo e da vida.

¡Ai de mim! que tanto se assemelha a minha sorte à tua! Divertimentos e riso, do tempo juvenil amados companheiros, e tu, da juventude irmão, —Amor—suspiro amargo de projectos anos, não sei como, não vos procuro; qual eremita, de vós me aparto para longe; e, quasi estranho ao berço meu natal, vou passando assim da minha vida a Primavera.

Foi-se festejar na nossa aldeia o dia d'hoje, que termina breve, ouvem-se repicar os sinos, e frequentes descargas de arcabuz, que ribombando vão pelos casais. Vestida pois, de festa, sai de casa a mocidade, e logo pelas ruas se vai mostrando, alegre de ser vista e ver.

Eu pelos campos vou, sozinho, divagando, e deixo para mais tarde prazer e riso: entretanto me fere a vista dilatada no livre espaço o sol que para lá dos montes, depois do claro dia, descendo, se afasta e parece indicar que a juventude feliz minguando vai...

Porém tu, Pardal Solitário, quando acabares a vida que os astros te deram, certo o destino teu não maldirá; é fruto da natureza a vossa inanidade. Mas eu, se não puder frustrar à velhice odiosa a torpe entrada, e nem sequer falar saibam a outros corações meus tristes olhos mudos, e me seja um deserto o mundo, e mais amargos e negros que o presente os dias que lãõ-de vir, ¿que pensarei da minha indiferença d'hoje? ¿que direi destes meus anos e de mim próprio?

Arreponder-me-hei decerto, e, muitas vezes, desconsolado, hei-de para traz voltar-me...

Versão de António Beirão

da mão, e apertei instintivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lágrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa semelhante a um estalo.

Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma delas disse à outra:

—¿Eu não te disse que êle era muito amigo dela?

Camilo Castelo Branco

Dois acontecimentos

No dia 27 de Fevereiro, à hora a que em Lisboa, milhares e milhares de trabalhadores pertencentes às organizações corporativas saúdavam Salazar, afirmando-lhe o seu incondicional concurso para que a revolução continue, telegramas das agências internacionais anunciavam o reconhecimento do governo de Franco, pela Inglaterra e pela França.

É simbólica tal coincidência: A França e a Inglaterra praticaram anos mais tarde o que Salazar havia feito tempos antes; se o criticaram pelo que fez, tiveram o castigo moral de terem criticado mal e de terem errado.

Porque não terão êsses países de vir a reconhecer também o alto espírito de justiça e as grandes verdades que presidem ao Estatuto do Trabalho Nacional?

Porque não assistiremos ainda ao espectáculo de ver a França e a Inglaterra perfilhar, anos mais tarde, as doutrinas de paz, de colaboração e de justiça que Salazar imprimiu ao trabalho?

Passa-se efectivamente alguma coisa de novo e de grande em Portugal, onde os grandes países muito têm de aprender.

Aguardemos, pois quanto mais o tempo corre, maior se apresenta a individualidade dêsse português de raça que surgiu para defêsa e engrandecimento da nossa querida Pátria.

NOTÍCIAS DE MATRUGOS

ALUMIEIRA

Alumieira, é um pequenino, mas florescente lugar. Fica num planalto cheio de sol e vida, de onde se disfruta um panorama encantador. Ao centro, rodeada de casas muito branquinhas, eleva-se uma ermida modesta, sim, mas opulenta de bens espirituais, que a virgem de Alumieira que ali se venera sob a invocação de Nossa Senhora de Alumieira, distribui tão prodigamente por todos aqueles que a ela recorrem com verdadeira fé nos transe delorosos da vida.

Pois é ali, que respeitando a tradição, vão ter lugar nos dias 9, 10 e 11 do próximo mês de Abril, os imponentes festejos a N. S. de Alumieira, estando já o seu digno Juiz sr. Manuel Dias dos Santos, a elaborar o respectivo programa.

É seu desejo que as festas deste ano, não desmereçam em brilho à dos anos anteriores.

Lembramos, pois, a todos os nossos prezados amigos e conterrâneos destes lugares, que se encontram ausentes, o seu costume e valioso auxilio monetário a favor das festas a realizar em honra da sua padroeira.

Mais tarde, depois das mesmas festas, serão publicados os nomes de todos aqueles a quem foram enviadas listas de inscrição, e bem assim como as respectivas importâncias oferecidas.

Estadas.—A passar os dias de Carnaval, esteve aqui, em companhia de sua estremosa avó, o laureado e inteligente quintanista da Universidade de Coimbra sr. Teófilo de Castro.

—Também de Coimbra, onde é digno empregado na Companhia I. Portugal e Colónias, igu-

Sindicato Nacional dos E. e O. da I. de Panificação do Distrito de Lisboa

Dêste importante organismo corporativo dos trabalhadores de padarias, recebemos o seguinte officio:

«Ex.^{mo} Sr. Director do jornal «Ecos de Cacia».—Ex.^{mo} Sr. A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Lisboa, vem muito penhorado agradecer-lhe o envio do número especial do vosso conceituado jornal e dedicado à sessão solene que se realizou em 20 de Janeiro p. p., comemorando a distribuição do bodo aos desempregados dêste Sindicato Nacional.

Mais lhe apraz comunicar-lhe que na sua reunião de Direcção, realizada em 14 do corrente, foi proposto e aprovado um voto de louvor e agradecimento pela publicação do número especial a que acima me refiro e do que se servirá tomar nota.—A Bem da Nação—Alfredo Dias Pires, presidente da Direcção.»

O «7 Rôlhas» na Serra da Estrela

O grupo «7 Rôlhas», de Lisboa, do qual fazem parte os nossos amigos srs. Joaquim Candido Franco, Matias Fernandes da Fonseca, Armando Barata, Manuel Barbosa, Zacarias Candido Franco, António Teixeira de Sá e João Coelho, foi, no passado dia 18, em excursão até à Serra da Estrela a admirar o panorama da neve nas Penhas da Saúde e visitar a industrial e progressiva cidade da Covilhã, onde o sr. Coronel Melo Vieira, recebeu os visitantes com tôdas as amabilidades.

Os sete rôlhas regressaram à capital muito bem impressionados com o passeio, tendo também acompanhado o grupo o nosso amigo sr. Alberto Cota e o seu providencial sobrinho Licas.

Para rir...

Uma senhora anunciava ao filho de 5 anos, que daí a poucos dias lhe chegaria a casa mais um menino de França. E perguntava:

—De quem é que tu gostavas mais para brincar, dum irmãozinho ou duma irmãzinha?

—Eu agora antes queria um cavalo...

Padaria

Trespasa-se uma bem afreguezada no centro de Coimbra por motivo da retirada do seu proprietário daquela cidade

Para tratar só com o próprio no Largo de S. Salvador (4) COIMBRA

almente veio passar o Carnaval na companhia de sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. António Lopes, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Retiradas.—Retirou á dias para Torres Vedras onde é industrial de panificação, o sr. António da Maia, importante proprietário deste lugar.—C.



Companhia de Seguros

A NACIONAL

Soc. An. Resp. Lim. — Capital
1:224 Contos Reservas em 1937
34:000 Contos

SEDE Na SUA PROPRIEDADE:

Av. da Liberdade, 18—LISBOA

Telegramas *Lanoican*
Telefone n.º 24784 (382)

V A G O

Empreza Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL

Agente no Norte do País *Guilherme M. Coelho*
RUA DA VITORIA, 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de
impressão em cores e preto, massas para rolos e vernizes
tipo-litográficos (163)

BICICLETAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS (397)

12 prestações mensais
e iguaisPeçam tabelas dos novos
preços

Pneus MICHELIM.

ARMANDO CRESPO
116, R. do Crucifixo — Telef. 27027 — LISBOA

**Pensão Avenida**

de—BRUNO DA ROCHA (294)

Explendidos e higiênicos quartos. Armazem de
mercearia e cereais por junto e a retalho

Largo da Estação—AVEIRO — Telef. 128

GLOBO

V. Ex.ª nunca experimentou esta marca de fari-
nha? Pois são 13 as suas qualidades e as únicas que
deve adotar na alimentação de adultos e crianças.

O rebustecimento do organismo, só se consegue
com as farinhas **Globo**.

Experimentando-as uma vez, é um nunca mais
perferir outras.

Envia-se um livro de receitas grátis.

Todos os pedidos são feitos aos seus fabricantes

COSTA E BASTOS LTD.ª

5 Rua Diogo do Couto, 7 e 9—LISBOA

Casa dos Linhos

Importadora de algodão em rama
de tódas as origens

660, R. Fernandes Tomaz, 664 — PORTO
Telef. 4021 Casa fundada em 1860 Teleg. *Farlea*

Linhos nacionais e estrangeiros em tódas as larguras
Atoalhados em todos os géneros
Bordados da Ilha da Madeira.

Artigos para bordar — Rendas para altares e Albas

Envia-se amostras para a província e ilhas

Vendas por junto e a retalho (274)

PADARIAS

Amassadeiras mecânicas simples, praticas
e económicas, Dividoras, Portas para
fornos, Cilindros e tódas as máquinas
para a industria de panificação.

Motores eléctricos, Bombas centrifugas,
Trasfega e de todos os sistemas
e para todos os fins.

Preços e detalhes consulte o representante:

A. J. d'Almeida

R. Almirante Pessanha, 7-2.º

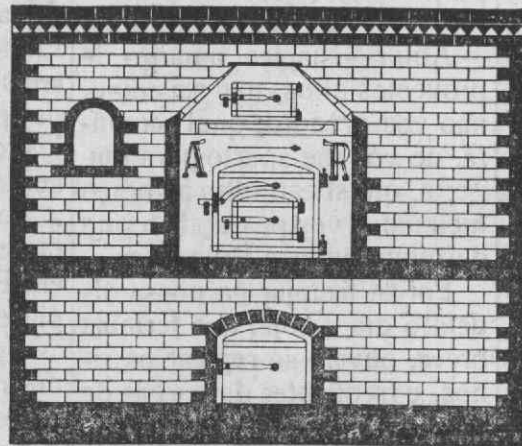
LISBOA—(Ao Carmo)—Telef. 26858

Vendas a pronto e a prestações
de 3, 6 e 12 meses. (372)

CONSTRUTORA MODERNA DE PADARIASde **Adolfo Ribeiro**

BORRALHA ÁGUEDA

Construtor de fornos e sobrinho da antiga e acreditada
casa de António Ribeiro Lopes.



Encarrega-se deste ramo com a máxima seriedade,
incumbindo-se a dia ou de empreitada em fazer fornos
para padaria de qualquer sistema, bem assim como for-
nos para borôa, tendo para isso pessoal habilitado. Exe-
cuta todos os trabalhos com perfeição e solidês e a pre-
ços muito reduzidos sem igual competidor. Fornece fer-
ragens para os mesmos, masseiras, tableiros, pás, etc.
Modificam-se fornos antigos para sistema moderno.
Pedir sempre orçamentos a Adolfo Ribeiro. 418

Arvores Frutíferas

Todos os agricultores que desejem adquirir árvores
frutíferas, sombra, jardim, florículas ou florestais, deve
dirigir-se ao viveirista sr. Manuel dos Santos Antunes
o qual tem para exportação imediata todas as árvores
frutíferas e de tódas as qualidades, as quais são culti-
vadas sob os serviços fitopatológicos do Ministério da
Agricultura. O qual envia catálogos grátis a quem os
requisitar.

Manuel dos Santos Antunes

(433) Coenços — Ceira — COIMBRA

Máquinas de costura SINGER

e outras, afiançadas (100)

A casa que mais barato vende em todo o País.

Grandes descontos aos srs. revendedores
Calçada de Santo André, 74—LISBOA

GRANDE SERRALHARIA**João Bolais Monica**

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de ser-
ralharia, tais como: moinhos de água, vento
e gado, carros volantes, etc. etc. (311)

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das fôrças perdidas. Um
cálce deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA (261)

Moveis e DecoraçõesDA FABRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque
não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos
mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701—Marquez de Pombal
(69) Telefone 2640 PORTO

VINHO DO PORTO**Rainha Santa**

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:
Rodrigues Pinho (423)
A' venda em tóda a parte. — GAIA — PORTO

FERIDINA COSTA !!!

Está provado que é hoje o melhor e mais económico
remédio que se conhece para a cura de tódas as
doenças da pele, como feridas de qualquer
natureza, eczemas, herpes, empigens etc.

PREÇO 5\$00 (244)

Vende-se em todas as farmácias e drogarias e
nos depositários:

LISBOA—R. e S. Franco—R. Ascensão, 57-2.º
PORTO—Castilho & C.ª—R. Sá da Bandeira, 80 e
J. A. Oliveira,—St.º Ildefonso, 91

Envia-se para toda a parte sem mais despesas. Pedi-
dos ao **Laboratório Costa**—Campia VOUZELA

Oficina de Fogo de Artifício

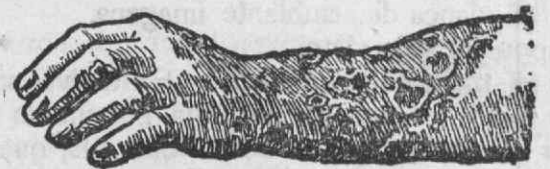
de—José Soares Calçada (239)

Tarei de Souto—Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais artís-
ticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc, etc.

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de co-
çar passou. A comichão desaparece como por encan-
to. A irritação é dominada, a pele é refrescada e ali-
viada. Os alívios começaram. Medicamento por exce-
lencia para todos os casos de eczema, humido ou
sêco, crostas, espinhas, erupções ou ardencia na pele.
A' venda em tódas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Lid.ª
Rua da Prata, 237 — LISBOA (70)

Os melhores vinhos e petiscos regionais vendem-se na

CASA "A FERMELA"

Rua Manuel Bernardes, 76 — LISBOA

V A G O

Dinheiro! Muito Dinheiro!

Só o tem quem jogar na casa das sortes grandes
de José Pedro.—R. do Ouro, 203—LISBOA (350)